

UM ESTUDO DO SUICÍDIO (3) *

CARLOS GRADIZ **

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO SUICIDA DO DISTRITO DE BEJA NO ANO DE 1987

a) taxa de suicídio

A taxa de suicídio do Distrito de Beja conforme podemos observar no qua-

dro nº1 apresenta nível incomparavelmente superior à média do País (39.5/100.000 em 87 contra 9.6/100.000 do País no mesmo ano), mesmo se tivermos em consideração a relação entre a proporção de suicídios e os óbitos ($\chi^2 = 94.499$; g.l. = 1 $p < .01$), conforme podemos observar no quadro 2.

QUADRO Nº 1: Distribuição da taxa de suicídio Beja/País

Taxa de suicídio p/ 100.000	Beja 1987	Beja 82-86	País 1987
	39.5	35.3	9.6

QUADRO Nº2 : Distribuição da relação entre a frequência de suicídios e os óbitos no ano de 1987

	Suicídios	Óbitos	Total
Beja	71	2.329	2.400
País	902	94.621	95.527
Total	973	96.950	97.923

* O terceiro de uma série

** Psicólogo do Centro de Saúde Mental de Beja

Comparando as taxas de suicídio com a densidade populacional dos distritos (quadrinénio 82-85), constatamos que há uma relação inversa entre a densidade populacional e a taxa de suicídio (correlação ordinal = - .55269) ver quadro 3.

QUADRO 3: Comparação taxa de suicídio e densidade populacional dos vários distritos do País no quinquénio 82-85 (AREAL e GRADIZ.1987).

Distrito	T. Suic.	T.Dens.Pop	Pop.Tot.	Nº Suic.
Aveiro	6.70	235.20	660500	117
Beja	33.80	17.60	179600	226
Braga	2.80	285.80	763900	81
Bragança	9.20	28.10	185600	68
C. Branco	9.10	33.90	226000	86
Coimbra	6.80	113.00	446200	171
Évora	17.30	23.80	175600	125
Faro	22.30	68.40	339200	291
Guarda	6.80	35.90	198300	56
Leiria	14.10	123.80	453200	237
Lisboa	11.80	769.30	2124100	979
Portalegre	24.60	22.90	138600	140
Porto	3.70	692.20	1657700	235
Santarém	18.80	68.30	460800	342
Setúbal	13.40	150.30	761000	354
V. Castelo	4.30	117.70	265500	45
Vila Real	6.60	61.00	264100	70
Viseu	6.70	84.80	424800	115

b) Distribuição dos suicídios por idades

A idade média dos suicidados no ano de 1987 foi de 55.5 anos (D.P. 21.112), sendo a dos homens de 56.3 (D.P. 20.491), e a das mulheres de 53.1 (D.P. 23.147).

Analisando a distribuição etária da população suicida constatamos (ver quadro 4) que 53.3% dos suicidados tinham mais de 60 anos e com mais de 65 anos houve 46.5% de casos.

QUADRO 4: Distribuição da população suicida por idades e sexos

Classes	HM	%	M	%	H	%
10 < 15	1	1.41	1	5.26	0	.00
15 < 20	5	7.04	1	5.26	4	7.69
20 < 25	2	2.82	0	.00	2	3.85
25 < 30	3	4.23	3	15.79	0	.00
30 < 35	4	5.63	0	.00	4	7.69
35 < 40	5	7.04	1	5.26	4	7.69
40 < 45	2	2.82	1	5.26	1	1.92
45 < 50	4	5.63	1	5.26	3	5.77
50 < 55	5	7.04	1	5.26	4	7.69
55 < 60	2	2.82	0	.00	2	3.85
60 < 65	5	7.04	2	10.53	3	5.77
65 < 70	8	11.27	2	10.53	6	11.54
70 < 75	9	12.68	1	5.26	8	15.38
75 < 80	10	14.08	3	15.79	7	13.46
80 < 85	5	7.04	2	10.53	3	5.77
85 < 90	1	1.41	0	.00	1	1.92
Total	71	100.00	19	100.00	52	100.00

As tendências referidas na distribuição etária revelam-se tanto nos homens (com 53.9%), como na mulheres (52.6%), com mais de 60 anos. De salientar também que até aos 30 anos entre os homens suicidaram-se 11.5% do seu contingente ao passo que entre as mulheres registaram-se até á referida idade 26.3% de suicídios.

c) Distribuição do suicídio por sexo

SEXO	QUINQUÉNIO 82-86	ANO 87	diferença ** N.S. PARA .005 z = 0.58 ho : p1 = p2
MAS.	77.0	73.2	
FEM.	23.0	26.8	

** Teste de significância da diferença entre %

d) Distribuição da população suicida por estado civil

Numa análise comparativa das frequências relativamente ao estado civil da população suicida com a população do distrito com mais de 14 anos (segundo dados de 1981), somos confrontados com diferenças de proporção significativamente falantes (ver quadro 6). Assim, compa-

No ano de 1987 manteve-se a tendência natural da prevalência de suicídios ser mais relevante nos homens com 73.2% do contingente desse ano (conforme podemos observar no quadro 5 (p = .05 Z = .58 H0 = H1) comparando os dados do quinquénio 82-86 com os do ano de 1987).

QUADRO Nº 5: Comparação da população suicidada do Distrito de Beja em 1987 e Quinquénio 82-86 segundo o sexo.

rando a população suicida casada com a dos restantes estados civis, verificámos, que os separados e divorciados apresentaram a proporção mais elevada de suicidados, logo seguido do grupo de solteiros e depois do de viúvos.

QUADRO Nº 6: Relação suicídio/população total por estado civil

Estado civil	Suicidados	Pop.Distrito (81)
Casado/concubino	31	101.012
Solteiro	22	33.311
Viúvo	10	13.401 S*
Sep./divorciado	8	981
Total	71	151.705

* $\sigma^2 = 131.689$

G.L. = 3

p < .01

e) Distribuição da população por actividades profissionais

Reportando-nos à descrição do quadro 7 constatamos que apenas 36.7% da amostra de 1987, exercia qualquer actividade no momento da morte e se considerarmos as camadas sociais abrangidas pela amostra somos confrontados

com 70.5% de sujeitos que pertenciam às camadas mais baixas da população (camada IV e V), conforme podemos observar no quadro 8.

QUADRO Nº 7: Distribuição da população suicida de 1987 pela situação profissional no momento da morte

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	N	%	%AC
retirado/reformado	40	56.3	56.3%
activo na prof. Habitual	20	28.2	84.5
act. fora da prof. Habitual	6	8.5	93.0
inexistente	3	4.2	97.2
sem trabalho	2	2.8	100.0
Total	71	100.0	//////

QUADRO Nº 8 : Distribuição da população suicida de 1987 segundo a camada social

Camada social	N	%	%AC
camada V	32	45.1	45.1
camada IV	18	25.4	70.5
camada III	16	22.5	93.0
camada II	4	5.6	98.6
camada I	1	1.4	100.0
Total	71	100.0	//////

No entanto a relação entre as camadas da amostra e do conjunto da população é impossível processar-se por desconhecermos a existência de trabalhos deste nível no distrito, para vermos de que modo a proporcionalidade das camadas sociais se projecta nos suicídios.

Reportando-nos ainda à descrição do quadro 7 constatamos que 63.4% da amostra, não exercia qualquer actividade no momento da morte.

g) Localização da habitação

Viviam em agregado rural (compreendendo as designações operacionais monte e agregado rural população com menos de 1000 habitantes), 45.1% dos suicidados e sozinhos 26.8% (ver quadro 9). Entre os que viviam sozinhos 80% eram homens, 47.5% eram solteiros e a idade média era de 66 anos. De salientar também que idêntica percentagem (26.8%), de suicidados residiam em agregados com menos de 100 habitantes.

QUADRO Nº 9 : Distribuição da população suicida do distrito de Beja segundo o agregado familiar e geográfico

Vivia com local	Agregado rural	Agregado urbano	Total
Família	24	28	52 73.2%
Sózinho	8	11	19 26.8%
Total	32 45.1%	39 54.9%	71 100.0%

h) Escolaridade e rendimento anual

Aproximadamente 55% dos suicidados eram analfabetos e 32.6% possuíam a 4ª classe.

Com mais habilitação do que a 4ª classe encontrámos apenas 12.7% de pessoas.

Não é significativa a população suicidada encontrada com as habilitações literárias apresentadas, pois acima dos 45 anos há mais de 45% de analfabetos no distrito de Beja. No entanto chamamos a atenção para a leitura do quadro 10 para confirmação das nossas constatações.

QUADRO Nº10 : Distribuição da população suicida do distrito de Beja por habilitações literárias

ESCOLARIDADE	N	%	%AC
Analfabetos	39	54.9	54.9
Ensino Primário	23	32.4	87.3
Mais que 4ª classe	9	12.7	100.0
TOTAL	71	100.0	///////

Relativamente ao rendimento anual líquido, como já afirmámos, baseámo-nos no testemunho dos familiares mais próximos. Assim:

Possuíam rendimento anual líquido inferior a 200 contos/ano 60% dos suicidados (ver quadro 11) e com mais de 30 contos encontrámos apenas 23.9% de casos.

QUADRO Nº 11 : Distribuição da população suicida do distrito de Beja segundo o rendimento anual

RENDIMENTO ANUAL	N	%	%AC
0 < 200 CONTOS	43	60.6	60.6
200 < 300 CONTOS	11	15.5	76.1
+ 300 CONTOS	17	23.9	100.0
TOTAL	71	100.0	///////

i) Saneamento Básico

Apenas 38% dos suicidados possuíam saneamento básico completo na suas habitações (água, luz, esgotos e casa de banho), como podemos ver no quadro 12. Entretanto, também é de referir que 15.5% não possuíam qualquer tipo de saneamento nas suas habitações.

Não foi possível comparar dados relativamente ao saneamento básico, porquanto não temos informações suficientes para estabelecermos comparações com a média do distrito.

QUADRO Nº12: Distribuição da população suicida do distrito de Beja segundo o saneamento básico nas suas habitações.

SANEAMENTO BÁSICO	N	%	%AC
Completo	27	38.0	38.0
Incompleto	33	46.5	84.5
Inexistente	11	15.5	100.0
TOTAL	71	100.0	//////

j) Valores religiosos e políticos

Não se determinaram, devido a algumas reservas dos familiares, dados de 54,9% dos suicidados. Contudo podemos ver no quadro em baixo (quadro 13)

que segundo os informantes 23,9% dos suicidados cultivavam valores religiosos e/ou políticos e 21,1% não os cultivavam.

QUADRO Nº13: Distribuição da população suicida do distrito de Beja (1987) segundo valores religiosos, políticos e associativos.

VALORES RELIGIOSOS E POLITICOS	N	%	%AC
Não V.	39	54.9	54.9
Presentes	17	23.9	78.8
Ausentes	15	21.2	100.0
TOTAL	71	100.0	//////

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A taxa de suicídio encontrada confirma os dados de FREITAS (1982), quando ao analisar o suicídio por regiões extrai a conclusão de que haveria "um dualismo de desespero", com uma prevalência significativa de suicídios no sul da País.

No entanto mais do que as regiões em si com as suas características sócio-culturais e mobilidade socioeconómica, parece-nos que a taxa de suicídio está também relacionada, como confirmamos com os dados obtidos, com a densidade populacional. Assim, encontrámos uma correlação ordinal negativa entre a densidade populacional e a taxa de suicídio no nosso País o que corresponde com as posições da CAPSTICK (1960), quando afirma haver um correlação inversa entre a população por acre e a taxa de suicídio, correlação essa, aliás, que se mantém significativamente dentro do distrito de Beja ($r = -.58150$).

No que diz respeito às idades infere-se que à medida que a idade avança, aumenta também a frequência de suicídios. Ao concluir-se também a existência de uma prevalência de suicídios no grupo das pessoas com mais de 60 anos, confirmamos também as conclusões de DIEKSTRA (1989).

No que diz respeito ao sexo, constatámos a sobreesuicididade masculina conforme refere FREITAS (1982) e DIEKSTRA (1989).

Em relação aos estados civis se compararmos o número de suicidados com a população do distrito constatamos que a maior proporção de suicídios se encontra nos divorciados, logo a seguir os solteiros, viúvos e finalmente casados. As

nossas conclusões são uma ratificação das conclusões de outros estudos realizados neste domínio (ALPINE 1983, CLAYTON 1988, BARRACLOUGH e SAINSBURY 1973, e naturalmente FREITAS 1982). No entanto apesar de não aprofundarmos o estudo da relação entre a idade e o estado civil nos suicidados pensa-se que há uma tendência para diminuir o risco de suicídio em relação aos divorciados e separados entre os homens e uma tendência para subestimar a importância da viuvez no risco de suicídio, pois há idades em que o impacto da viuvez assume maior risco de suicídio (KREITMAN, 1988).

Em relação à actividade profissional e situação em relação a ela constatamos uma alta prevalência de retirados/reformados, desempregados com 63,4% de casos encontrados. Confirmam-se deste modo os estudos de BAECHLER (1975) e CAROLI e VIDON (1984).

No entanto não deixámos também de fazer referência a autores como SHEPHERD e BARRACLOUGH (1980), que analisando a história laboral dos suicidados salientam que os suicidas além de se retirarem do trabalho em média antes dos 60 anos, têm um alto nível de perda ocupacional por desemprego e por doença e que 50% dos homens no momento da morte não estavam a trabalhar. Por conseguinte a perda de integração social é também uma explicação para o suicídio consumado como refere DURKHEIM (1987).

Se entretanto, abordarmos as camadas sociais, veremos que a grande maioria dos suicidados pertence às camadas inferior baixa e de assalariados agrícolas, pastores e tractoristas. Os nossos resultados - 70,5% dos suicidados nas camadas IV e V - aproximam-se dos obtidos por SANTOS COSTA e alg. (1986), que encontraram um domínio dos trabalhadores indeferenciados no contingente dos suicidados entre 1980 - 1985 com 72,6% do contingente.

Relativamente à escolaridade e aos rendimentos anuais os dados obtidos não diferem significativamente em termos proporcionais, em relação aos dados da população do distrito.

No que diz respeito ao nível sócio-cultural entre os 46 e os 64 anos há no distrito de Beja mais de 45% de analfabetos e com mais de 65 anos há 67,5% na mesma situação. Além disso há mais de 44% de pessoas com mais de 45 anos.

Pensamos que, considerando o facto de mais de 75% dos suicidados no momento da morte não auferirem rendimentos superiores a 300 contos por ano, aproximadamente 55% não possuem qualquer habilitação académica ou profissional, 63,4% encontrarem-se na situação de retirados/reformados ou desempregados, sem saneamento básico condignos 62% e uma tendência significativa para a ausência de prática assídua de valores religiosos, políticos e associativos, os factores da depressividade independentemente do suicídio estariam já criadas (CAROLI e VIDON 1984, MORON 1975). De facto, um estudo de O'HARA, KOHOUT e WALLACE (1985), sobre a depressão entre os rurais com mais de 60 anos conjectura, através do estudo das prevalências e das correspondências realizadas, que a ausência de suporte social como falta de amigos ou familiares mais próximos, falta de prática religiosa, estado civil e viver ou não sozinho, associado à ausência de recursos económicos são responsáveis pela depressão dos idosos, para além da estrutura da personalidade. Por outro lado, os mesmos autores referem que o nível educacional está inversamente correlacionado com a depressão entre os rurais.

Se, complementarmente, BARRACLOUGH e alg. (1974) consideraram que entre os suicidados para além de 93% estarem afectados psiquicamente, 64% sofrerem de depressão, podemos conjecturar também até que ponto não terão as

condições de existência a sua correspondência na personalidade e no desencadeamento dos processos depressivos e consequentemente suicidários no Baixo Alentejo?!

Outro comentário refere-se evidentemente ao isolamento físico e social. Cerca de 45,1% dos suicidados viviam em agregados com economia de subsistência e com meios de comunicação raros (1). Por sua vez uma percentagem significativa de suicidados viviam sozinhos (26,8%). Até que ponto o isolamento físico e social terão a sua importância no suicídio, como argumentou HALBWACHS (1930), especialmente nos idosos, que segundo STENGEL (1965) são os mais atingidos pelo isolamento?

De que forma se revestirá o isolamento físico e sócio-psicológico nas percepções e representações do sujeito? Para MICHAEL (1966), o isolamento social prolongado faz com que a actividade intelectual e criadora diminua com o tempo e aumente as ideias paranóides, as queixas somáticas, a deterioração do comportamento e a crescente frequência de períodos de sono. No campo das privações perceptivas provocadas pelo isolamento ZUBEK (1967), considera que elas além de provocarem mudanças afectivas, provocam aumento de medo, sonhos ansiosos, a angústia sem base real, deterioração do movimento do campo visual e aumento da agudeza táctil e dolorosa. A nível cognitivo o isolamento provocaria incapacidade de concentração, dificuldade em clarificar ideias e diminuição da capacidade abstractiva e de visualização espacial. Para KAPLAN e SADOCK (1984) o isolamento social é o meio anormal mais dramático e destrutivo de qualquer ser animal ou humano.

NOTA:

(1) Na nossa amostra e como já referimos atrás, a idade média dos isolamentos fisi-

camente era de 66 anos (D.P. 16) sendo cerca de 80% homens e 47,3% solteiros.

COMO COLABORAR COM



LER EDUCAÇÃO está aberta a todos os que nela queiram participar, bastando para o efeito enviarem-nos artigos, críticas ou opiniões relacionadas com educação ou sobre temas que de alguma forma ajudem a divulgar a cultura do Baixo Alentejo.

Os originais deverão ser dactilografados em folhas A4, a dois espaços, e sempre que contenham gravuras, esquemas ou outros elementos gráficos, estes deverão ser de boa qualidade, e acompanhados das respectivas legendas e indicações referentes à sua inserção no texto.

A direcção desta revista reserva-se o direito de selecção dos artigos a publicar.

Toda a correspondência deverá ser enviada à direcção da revista **LER EDUCAÇÃO**.

estudentina

PAPELARIA * LIVRARIA

de: Francisco do Colto Quirino

TUDO PARA O ESTUDANTE

**LIVROS ESCOLARES
MATERIAL DIDÁCTICO E DE ESCRITÓRIO**

SEDE: Largo Escritor Manuel Ribeiro, 4 - AGENTE «MOLIN»
FILIAL: Rua de Mértola, 83-85 - (Discoteca - Material de Som e Imagem)

Telef. 22629

7800 BEJA



REPROÉVORA

EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, LDA.

RUA DE MACHEDE, 42 - TELEFONE 25689 - 7000 ÉVORA

**REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
PARA TODO O ALENTEJO:**

FOTOCOPIADORES



EQUIPAMENTOS E PRODUTOS

Gestetner

**GARANTIA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA**